

NOTAS SOBRE HETEROTOPIAS

NOTES ABOUT HETEROTOPIES

Wellington Amâncio da Silva¹

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Resumo

O presente ensaio discorre sobre as heterotopias descritas por Michel Foucault (2010), precisada por ele na histórica e no campo conceitual. Utilizamos este conceito em diálogo, na medida do possível, com o conceito de lugar, dando destaque a sua relação topológica, social e linguística, que em muitos aspectos têm sua função política de poder transitivo no horizonte da *deslocalização* como identidade, pertença, estranhamento, circunscrição e dispersão da localização dos indivíduos.

Palavras-chave: Heterotopias. Foucault. lugar.

Abstract

This essay other-places described by Michel Foucault (2010), needed by him in the historical and conceptual field. We use this concept in dialogue, as far as possible, with the concept of place, highlighting its topological relationship, social and linguistic diversity, which in many ways have their transitive power political role in the relocation of the horizon as identity, belonging, estrangement, circumscription and dispersion of persons.

Keywords: other-places. Foucault. place.

¹ Professor substituto da Universidade Federal de Alagoas e membro dos grupos de pesquisa "Ecologia Humana" (SABEH/CNPq) e "Socioeconomia do Desenvolvimento Sustentável" (UNEB/CNPq) e integrante do Núcleo de Estudos em Comunidades, Povos Tradicionais e Ações Socioambientais do NECTAS (UNEB/CNPq). E-mail: welliamancio@hotmail.com

Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço esquadrado, recortado, multicolor, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. (FOUCAULT, 2009, p. 23-4).

1. Introdução

Como *insight*, o conceito foucaultiano de *heterotopia* nascera a partir do conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges (2007, p. 69-79), relatado inicialmente no prefácio do seu livro *As Palavras e as Coisas* (2007), a partir da percepção de fenômenos heteróclitos presente naquele conto. A saber, “no heteróclito [...] as coisas são ‘deitadas’, ‘colocadas’, ‘dispostas’ em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar-comum”. (FOUCAULT, 2007, p. XII-XIII); inferindo o termo no Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss, o heteróclito diz respeito àquilo que se *afasta* do ponto de vista do observador, como uma contraposição ao lugar de onde se observa; o heterotópico *desvia-se* da normalidade estabelecida e consensual; há nele imprevisibilidade e circunstancialidades distintas, seu paradigma é irregular, constituído por elementos heterogêneo.

2. As Heterotopias

Na conferência de 1966, Foucault retoma o assunto dando alguns exemplos tais como “cemitérios”, “navios”, “prisões”, “teatros” e “jardins”, tópos onde os sentidos de lugaridade não estão bem definidos nem condizem com os sentidos clássicos de lugar, isto é, de moradia, de permanência, de presença, de existência. No seu texto (2007), Foucault menciona o conceito de utopia em oposição ao heteroclitismo ao afirmar que “as utopias consolam [...] se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico” (Idem, 2007, p. XII-XIII); Foucault assinala as motivações subjetivas humanas em busca das suas utopias, nesse imbricamento entre discurso, política, economia, lugar e espaço como “vontade de nação”, vontade de lugar de habita, e talvez, “vontade edênica”, a saber:

Há, então, países sem lugar e histórias sem cronologia; cidades, planetas, continentes, universos, os quais seria impossível revelar o traço sobre mapa algum, nem em céu algum, simplesmente porque eles não pertencem a nenhum espaço. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas, eles nasceram, como se diz, na cabeça dos homens, ou, para dizer a verdade, no interstício de suas palavras, na densidade de suas narrativas, ou, ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; brevemente, é suavidade das utopias (2010, p. 416).

Em outros termos, formam “lugares” de perfeição onde seus ideólogos distribuem, num meio ambiente “onírico”, seus elementos constituintes de modo muito pessoal e ideativo, numa espécie de economia das individualidades²; porque “permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula” (*Idem*, 2007, p. XII-XIII). De um ponto de vista ainda ideativo, no que diz respeito à da linguagem, aos discursos, às representações, como significado, as heterotopias inquietam:

[...] sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza ‘manter juntos’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. [...] Dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases (*Ibidem*, 2007, p. XII-XIII).

Dito isso, podemos compreender que as heterotopias – espaços diferentes, outros lugares -, impedem a nomeação, por solapar, fracionar e emaranhar os nomes dentro de contextos óbvios de lugaridade, que nomeiam e representam, por assim dizer, os sentidos e as funções de cada lugar; certamente essa dificuldade linguística diz respeito às formas heteróclitas factuais de reunião de pessoas – da incapacidade de enquadrar num topos lógico as contingências inerentes ao ser humanos, ser *em aberto* -; as heterotopias, nos oferecem a capacidade de “desmascamento” das noções de racionalização das pessoas e dos lugares, bem como da sua generalização e homogeneização; em outras palavras, heterotopia não permite a livre circulação das aparências de obviedade relativamente à lugaridade (RELPH 2012; CRESSWELL 2008); porquanto, toda essa “aparente” contradição ganha corpo, sobretudo se concordarmos com Cresswell, de que nomear consiste em significar o espaço indefinido como lugar (2008, p. 9) – visto que se não tem um nome e nem reúne, não é um lugar (RELPH 2012, p. 22), mas espaço indiferenciado. Como efeito, lugar constitui-se de perspectivas de ordem, de “situação” e de

² Para fazer menção complementar ao conceito de Ecologia das Individualidades de Juracy Marques (2012, p. 19), já que neste caso, a intencionalidade é de normatização e racionalização do espaço e do lugar no projeto “utopia”.

nomos, sejam elas geográficas ou linguísticas, enquanto as heterotopias, sendo caos inerente, desvelam as anormalidades, as distopias do lugar.

Dito isso, a partir da perspectiva heterotópica foucaultiana, os nomes corresponderiam estritamente e em harmonia com os lugares que estes nomeiam e descrevem? Assim, é possível pensar lugar de atuação dos sujeitos nas comunidades de remanescentes quilombolas - a partir da precisão de suas funções e localizações - de uma perspectiva tradicional de comunidade étnica onde se torna evidente uma imbricação entre tradição e modernização³, onde o tempo e a localização da tradição e da modernidade entrecruzam? “[...] a heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com seu tempo tradicional” (FOUCAULT, 2010, p. 421); ou seja:

Em geral, não se entra nesses lugares à vontade. Ou a entrada é obrigatória, como no caso da caserna ou da prisão, ou então o indivíduo que tem que se submeter a rituais e purificações. Para entrar tem que se ter certa permissão e fazer certo número de gestos. [...] Há outras, pelo contrário, que parecem ser puras e simples aberturas, mas que em geral escondem curiosas exclusões. Qualquer um pode entrar nestes lugares heterotópicos, mas de fato isto é só uma ilusão: acreditamos entrar, pelo próprio fato de se entrar, e se é excluído (*Idem*, 2012, 423).

Esses lugares de interdição e simulacro, para Foucault apresentam cinco características: a) as heterotopias constituem-se de lugares, segundo Foucault, “absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam” (*Idem*, p. 418); b) cada heterotopia tem um funcionamento preciso no interior de uma sociedade, muito embora a mesma heterotopia possa ter outro funcionamento em uma sociedade diferente; c) as heterotopias têm o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, posicionamentos que são em si incompatíveis (*Ibidem* p. 420); d) elas ganham maior funcionalidade quanto maior a ruptura histórica, temporal dos sujeitos em relação ao mundo hodierno (*Ibidem* p. 421); e) possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que, simultaneamente, as isola e as deixa penetrável segundo (p. 423) que regulam as noções normatividade, de ordem e harmonia em uma sociedade, muito embora elas interditem certos lugares no intuito de exortar a partir de regimes interessados de certo ou errado.

As heterotopias dizem respeito a posicionamentos ou localizações diversas do comum; localizações que, em certa medida, podem desorganizar a ordem do lugar; define-se por uma

³ O’Dwyer (2002a, 2002b, 2003c); Almeida (1989, 2011).

presença em uma localização anormal, a exemplo dos cemitérios⁴ (“lugaridade” da vida póstuma) que segundo Foucault (2010, p. 418), estavam até o século XVIII, no coração da cidade, no meio da vila (lugares dos vivos), agora afastado, em alguns casos, da periferia.

Para Foucault, “as heterotopias têm um papel de criar espaços de ilusão que denunciam como mais ilusórios os espaços reais, no interior do qual a vida é compartimentada”; é um deslocamento para fora do lugar normalmente reconhecido; é a recolocação atípica de alguém, de um grupo humano, ou de espaços, recintos, áreas, suscitando estranheza ao lugar. Portanto, as heterotopias dos indivíduos fora do seu lugar comumente reconhecido leva-nos a desconstruir a aparente normalidade quotidiana dos lugares, ou a reconhecer a presença heterotópica destes indivíduos como uma espécie de caos identitário e caos de pertença na desconexão mesma entre identidade outra em lugares cuja normalidade fora instituída.

Um exemplo, talvez, mais atual desses *lugares outros*, seria o da presença da escola tradicional (educação formal) em aldeia de índio (Imagem 01); de *Lan houses*, locadoras, em espaços rurais; temos ainda o forte exemplo de navios – lugares transitivos – constituídos de recintos com forte sentido de lugaridade: quartos, salas de estar, cozinhas, cafeteria, sala de jantar, bibliotecas, e ainda, com lugaridade transitória: bancos, prédio de negócios em geral etc. Também constitui-se de heterotopia, muito embora “provisórias”, a presença de objetos que em determinados contextos se tornariam, por assim dizer, diferenciados, anacrônicos, a exemplo da constante presença, na atualidade, de parabólicas em casas de massapê e de outras tecnologias em ambientes tipicamente rurais – certamente uma prova de um nível mais profundo e refinado em alcance, da globalização de novos hábitos e de novas necessidade no cotidiano.

⁴ É intrigante pensar no cemitério como recinto de negação absoluta das lugaridades (*placelessness*), precisamente onde o corpo-morto não é mais lugar-de-vida; paradoxalmente, o cemitério é também lugar-de-reunião – a *reunião* é talvez o fator que mais evidência a lugaridade, logo, de uma perspectiva tautológica, *reunião* e *lugar* são a mesma coisa; esse lugar-de-reunião é neutralizado, isto é, ausente de lugaridade, pelo vazio de vida – dimensão constituinte do lugar. Apenas quando os vivos visitam seus mortos há lugaridade no cemitério; sua heterotopia, pois, consiste no fato da presença transitória de vida (transitoriedade das visitas) e na negação dessa presença transitória (cemitério, lugar específico para mortos, lugar que afasta a presença constante dos vivos).

Imagem 01 - Índios Krahô em sala de aula; educação formal na aldeia de Itacajá⁵



Fonte: <http://tocantinshoje.com>. Índios Krahô fazem festa ao receber escola de Ensino Fundamental na aldeia de Itacajá: “Este é um dia especial, estamos felizes porque devemos unir o conhecimento da escola e do pátio. Os dois são importantes para o nosso povo”.

3. Considerações Finais

O conceito de heterotopia tem importância quando visamos pensar as formas pelas quais os seres humanos protagonizam processos de constituição de lugaridade no meio ambiente. Heterotopia decorre nos espaços adaptados deste meio ambiente quando percebemos a presença de lugares diferentes ou que promovem diferenciações; lugares constituídos de “outridade”. É preciso entender a *heterotopia* em face da complexidade do lugar do ser humano, a partir das novas formas de agrupamento e dispersão, como projeto e cumprimento das multifacetadas formas de interação com o lugar. A heterotopia é um fenômeno comum nos contextos da presença humana, todavia é a evidência mais forte de que estes contextos não estão plenamente seguros do seu equilíbrio por mais intensos que sejam os processos de ordenação geográfica e linguística das noções que objetivam a presença situada dos indivíduos em um dado lugar. No entanto, como ocorre no contexto desses “lugares precisos”, a heterotopia se constitui a partir da presença de “espaços diferentes”, de “lugares outros” - sejam no campo ou na cidade – como incircunscrição.

⁵ Sobre a presença da escola tradicional e seu universo pedagógico na aldeia, veja texto e imagens: <http://tocantinshoje.com/noticia/indios-kraho-fazem-festa-ao-receber-escola-de-ensino-fundamental-na-aldeia-de-itacaja/5248>

4. Referências

CRESSWELL, Tim; UTENG, Tanu Priya;. Gendered Mobilities: Towards an Holistic Understanding. UTENG, Tanu Priya; CRESSWELL, Tim. **Gendered mobilities**. England: Ashgate Press, 2008

_____. **Geographic thought: a critical introduction**. England: Wiley-Blackwell Press, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo, Loyola, 2001/2002/2007.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008/2009.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2010.

_____. **Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II**. Cours au Collège de France (1983-1984). Editado por F. Gros et al. Paris: Gallimard; Seuil, 2009a.

_____. **Le corps utopique, les hétérotopies**. France: Lignes, 2009b.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos**. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-287.

_____. **As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução. Salma Tannus Muchail. Martins Fontes. São Paulo, 2007.

_____. Utopias reais ou lugares e outros lugares. Tradução Caronila Drittich. (n.t.) **Revista Literária em Tradução**. N. 01, Setembro, 2010. Florianópolis, 2010. 404-427

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência do Lugar In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.